

EDITORIAL

O Papa e o Fim do Comunismo

A morte de João Paulo II pode ser vista como a apoteose de seu longo reinado de 26 anos no trono de São Pedro. Aos gritos de “santo súbito”, seu corpo seguiu – acompanhado por milhões de olhares mundo afora – para a cripta antes ocupada por João XXIII, ironicamente o papa que abriu as portas da Igreja para a esquerda católica dizimada no último pontificado.

O ex-ator, Karol Wojtyła, utilizou-se como poucos dos meios de comunicação para atingir seus objetivos claramente conservadores. Com gestos simpáticos e plenamente adaptados à sociedade do espetáculo, como beijar o chão de cada país que visitava, esquiar nas férias e saudar multidões a bordo do papamóvel, conquistava os fiéis e construía uma imagem de pontífice próximo do rebanho ao mesmo tempo em que, internamente, operava uma verdadeira “contra-revolução”. Durante o seu papado, centralizou o poder, impôs claros limites às questões morais e na relação da Igreja com a Ciência, além de punir teólogos mais progressistas, entre eles os artífices da Teologia da Libertação. Como muito bem colocou Tariq Ali, “João Paulo II sempre adorou as câmeras de televisão. Nesse sentido, acho que sempre agiu como um político inteligente e de direita. Ele pôs a mais moderna tecnologia a serviço de um papado digno da Idade Média”. (1)

Nestes 26 anos, João Paulo II foi também hábil em erigir alguns mitos em torno da sua personalidade. Ficou conhecido por defender os direitos humanos e a democracia. No entanto, oportunamente, poucos agora se recordam dos esforços da Santa Sé para desestabilizar o governo sandinista na Nicarágua e a calculada omissão com relação a ditaduras sanguinárias como a de Pinochet no Chile e a de seus colegas militares na Argentina.

Nada se compara, porém, à idéia de que João Paulo II derrubou o comunismo. Esta ilusão, que adquiriu o status de verdade irrefutável, contaminou os comentários da imprensa, de analistas mais afeitos a dogmas do que à realidade, e de importantes líderes políticos nos últimos dias. Em nota oficial, afirmou o presidente George W. Bush: “O papa João Paulo II deixou o trono de São Pedro da mesma forma como ascendeu a ele – como testemunha da dignidade da vida humana. Em sua nativa Polônia, essa testemunha impulsionou uma revolução democrática que varreu o Leste Europeu e mudou o curso da história”. Na mesma linha, declarou o chanceler alemão Gerhard Schröder: “Ele influenciou a pacífica integração da Europa em seu pontificado de várias formas. (...) O papa João Paulo II escreveu a história. Por seus esforços e com sua personalidade impressionante, ele mudou o nosso mundo”.

Nada mais próximo da pura fé do que afirmações como estas. Não se trata de negar aqui a importância política de João Paulo II – mesmo porque isto seria tão injusto e falso como as declarações acima –, mas sim, de jogar um pouco de luz sobre os eventos que marcaram o final do que alguns chamam de “O Breve Século XX”. Os anos 80 foram de profunda crise econômica para todos os países do Leste Europeu e para a própria União Soviética (URSS). Nesta década, ficou patente a incapacidade dos sistemas centralmente planejados para manter altas taxas de crescimento e acompanhar as grandes economias ocidentais. O sistema que se dizia “superior” ao capitalismo não conseguia mais atender às demandas de seus cidadãos. Na década anterior, a situação fora controlada graças à grande quantidade de capital disponível no mercado internacional, utilizado na aquisição de bens de capital e consumo em quantidade suficiente para manter

as economias em funcionamento e as populações sob a ilusão de que o “mundo marchava para o socialismo”. Porém, no início da década de 80, com a crise da dívida, as economias do Leste Europeu degingolaram definitivamente. Paralelamente, o “socialismo real” mostrou-se absolutamente incapaz de ingressar na nova economia de alta tecnologia – fundamental para a expansão da atividade econômica e para a produção em massa de bens de consumo de qualidade. As tentativas de reforma do sistema, por sua vez, falharam completamente, esbarrando na burocracia e nas próprias contradições da economia centralmente planejada.

Não demorou para que a crise econômica e a visível piora nas condições de vida das populações da Europa Oriental e da URSS acarretassem em conseqüências políticas. Com o desenvolvimento das comunicações e o incremento do turismo internacional, não era mais possível insular as populações destes países e evitar as comparações com os vizinhos ocidentais, o que representou um duro golpe para a legitimidade dos regimes. Como argumenta Eric Hobsbawm, “a aceitação do comunismo pelas ‘massas’ dependia não das convicções ideológicas ou outras semelhantes, mas de como julgavam o que a vida sob regimes comunistas fazia por elas, e como comparavam sua situação com a de outros. Assim que não foi mais possível isolar estas populações do contato e conhecimento com outros países, seus julgamentos foram céticos”. (2)

Sem legitimidade política e à beira do colapso econômico, o “socialismo real” desabou como um castelo de cartas no Leste Europeu entre agosto e dezembro de 1989. A recusa da URSS em agir para manter o status quo na região era um claro indício de que o país não mais conseguia carregar o fardo de ser uma superpotência e que seu destino, como a história mostrou, não seria muito diferente.

É importante notar que nenhum dos regimes da Europa Oriental foi efetivamente derrubado – no sentido revolucionário clássico. Todos pereceram por suas próprias deficiências e pela incapacidade de acompanharem o desenvolvimento capitalista ocidental. Neste processo, João Paulo II atuou mais como uma figura simbólica do que como um real líder vanguardista, o que não impediu que acumulasse um enorme capital político e diplomático que lhe seria muito útil durante todo o seu pontificado.

Notas

(1). Entrevista publicada pelo jornal Folha de São Paulo no dia 4 de abril de 2005.

(2). HOBBSAWM, Eric (1995). Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, p. 480.

Oswaldo Amaral

Mestre em Relações Internacionais e docente do curso de RI do Unicentro Belas Artes.